

PARA ALÉM DA ESTÉTICA: O IMPACTO DO ENSINO DA HISTÓRIA DAS TRANÇAS PARA A VALORIZAÇÃO DA AUTOESTIMA PRETA DENTRO DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO EM CODÓ-MA

Ana Laysa da Silva ¹
Milena Salazar Queiroz ²
Evelen Kaísa da Silva ³
Tercilia Maria da Cruz Silva ⁴

RESUMO

Este trabalho busca discutir e analisar os resultados e impactos sociais a partir da realização de duas oficinas de tranças intituladas: “A ARTE DE TRANÇAR: tradição, resistência e ressignificação”, diretamente ligadas ao processo de fortalecimento da autoestima e identidade cultural de pessoas negras, realizadas na Universidade Federal do Maranhão - UFMA e no Instituto Federal do Maranhão - IFMA, na cidade de Codó – MA. Este estudo se faz pertinente pelo resgate dos saberes, práticas e identidade negra e afrodescendente no contexto social brasileiro. Nesse sentido, volta o olhar para o surgimento de um país que nasce na invasão de territórios indígenas e do tráfico de africanos para exploração de mão de obra através da escravização desses povos, considera que houve e ainda se perpetua até os dias de hoje grandes tentativas de apagamento da cultura e história dos povos africanos na imposição de um projeto de embranquecimento de sua população. Para Bento (2013), trançar cabelos é uma das heranças deixadas pelos nossos ancestrais e hoje está presente na memória coletiva, para além da arte do trançar, a prática abre espaços de discussão e rememoração sobre os modos de fazer e saber da população negra, em um país onde a discriminação racial e o preconceito estão integrados na sociedade e onde mulheres negras constantemente são colocadas em um lugar de subserviência, inerente ao respeito e a qualquer tipo de proteção. Fundamentado em Santos (2013), Santos et al. (2023) e Costa et al. (2022), o estudo reforça que, na cultura africana, as tranças têm significados que vão além da estética, sendo símbolos culturais, identificadores sociais e representações da ancestralidade. Dessa forma, o ensino sobre a história das tranças dentro das instituições fortalece o reconhecimento e a valorização cultural entre estudantes afro-brasileiros da cidade de Codó-MA.

Palavras-chave: História das tranças, Cultura afro-descendente, Autoestima, Mulheres negras, Identidade.

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, no Instituto Federal do Maranhão-IFMA laysaana@acad.ifma.edu.br;

² Graduanda do Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Ciência Humanas/História da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, Centro de Ciências de Codó, salazar.milena@discente.ufma.br;

³ Graduanda do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/História, na Universidade Federal do Maranhão - UFMA, evelen.ks@discente.ufma.br;

⁴ Professora Orientadora: Mestra em Educação, Docente no Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas/História da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, Centro de Ciências de Codó, tercilia.mcs@ufma.br



INTRODUÇÃO

A cultura negra no Brasil foi historicamente atravessada por processos de apagamento, silenciamento e violência simbólica, que buscaram negar não apenas a existência de seus sujeitos, mas também os sentidos, estéticas, valores e saberes que estruturam suas formas de viver e criar no mundo.

A diáspora africana forçada, impulsionada pelo regime escravocrata, resultou na chegada ao país de diferentes povos e tradições do continente africano, que, mesmo diante de condições extremas de opressão, mantiveram práticas culturais fundamentais para a preservação de suas identidades, memórias e espiritualidades.

Como consequência desse processo, mais de 50% da população brasileira hoje se reconhece como preta ou parda; contudo, apesar desse número expressivo, essas populações continuam sujeitas à lógica racista que estrutura a sociedade brasileira e que segue negando traços físicos, saberes tradicionais e formas próprias de existência e expressão.

Nesse contexto, a estética negra, frequentemente reduzida a mero atributo visual, constitui na verdade, um território político, cultural e ancestral. Entre suas manifestações, as tranças ocupam lugar central como símbolo de identidade, resistência e ressignificação, longe de serem apenas técnicas de embelezamento, elas carregam histórias, pertencimentos e estratégias comunitárias de cuidado e sobrevivência, preservando memórias africanas em meio às tentativas coloniais de apagamento.

Como observa Bento (2013), o ato de trançar envolve saberes que transitam entre o sensível, o técnico e o simbólico, configurando-se como prática cultural, intelectual e identitária desempenhada majoritariamente por mulheres negras. Além disso, conforme destaca Costa (2022), as tranças se constituem como arte ancestral e ferramenta de manutenção da vida e da memória na diáspora, marcando corpos e territórios de pertencimento e afirmação racial.

É nesse horizonte que se insere o projeto “A Arte de Trançar: tradição, resistência e ressignificação”, desenvolvido por três mulheres negras, trancistas e universitárias da Universidade Federal do Maranhão-UFMA e do Instituto Federal do Maranhão-IFMA Campus Codó. A iniciativa buscou reafirmar a presença negra no espaço acadêmico, valorizando a estética afro-brasileira e promovendo conhecimentos sobre os sentidos culturais e históricos das tranças. Ao oferecer vivências, trocas e práticas educativas, o



projeto contribuiu para o fortalecimento da identidade de jovens negros e mestiços, estimulando reflexão, autoestima, pertencimento e conscientização comunitária. Assim, ao articular ancestralidade, estética e educação, reafirma-se que trançar é um gesto político que rompe com a invisibilização histórica e reinscreve o corpo negro como território de memória, saber e potência.

METODOLOGIA

A metodologia empregada se baseou na pesquisa-ação, na qual a coleta de dados e a intervenção social ocorreram de forma simultânea. As oficinas serviram como o principal instrumento de pesquisa e ação, sendo estruturadas para não apenas ensinar a técnica do trançado, mas também para facilitar discussões aprofundadas sobre a história, a ancestralidade e o papel das tranças como um poderoso símbolo de resistência e identidade negra.

O estudo foi fundamentado em referenciais teóricos de Bento (2013), Santos (2013), Santos et al. (2023) e Costa et al. (2022), que reforçam a importância das tranças como herança cultural, símbolo de resistência e uma ferramenta essencial para o resgate da identidade negra no contexto social brasileiro.

Nesse sentido, analisamos práticas realizadas na Oficina de tranças: “A ARTE DE TRANÇAR: tradição, resistência e ressignificação”, que surgiu como o intuito de expandir os conhecimentos e técnicas de cuidados e usos do cabelo crespo/cacheado, de uma herança ancestral africana que se perpetuam no nosso país, levando em consideração o contexto histórico da construção do que hoje chamamos de Brasil, foi realizada uma abordagem inovadora, didática e contextualizada, para a desenvoltura de uma oficina.

Para uma melhor compreensão e organização do tema, inicialmente foi realizado um levantamento bibliográfico, que, segundo Gil (2002), constitui o primeiro passo de toda pesquisa. Trata-se da análise de materiais já produzidos e estudados por outros pesquisadores, autores e cientistas da área em questão, consistindo especialmente em livros e artigos científicos. O objetivo desse tipo de pesquisa é agregar maior coerência teórica e ampliar o grau de conhecimento sobre o assunto investigado.

Essa etapa teve como finalidade o aprimoramento do referencial teórico, possibilitando, a partir dos dados obtidos, o avanço para a fase subsequente do desenvolvimento da pesquisa: compreender os contextos históricos nos quais se formaram os significados atribuídos ao uso das tranças. Para isso, foi realizada uma análise baseada nos seguintes aspectos:



- a) análise dos significados atribuídos ao uso das tranças no continente africano, antes do processo de colonização;
- b) identificação e análise dos significados atribuídos ao uso das tranças no Brasil, durante o período da escravização;
- c) análise dos significados atribuídos ao uso das tranças no Brasil após o fim da escravização.

O estudo concentrou-se em organizar, de forma cronológica, as relações e características atribuídas às tranças ao longo dos processos históricos, com base nos/as autores/as estudados, Santos (2013), Santos et al. (2023) e Costa et al. (2022), visando proporcionar uma maior compreensão e assimilação e fundamentação da temática.

Dessa maneira, o momento de realização das oficinas foi estruturado da seguinte forma: Momento inicial – contextualização dos significados atribuídos ao uso das tranças; Momento de apresentação – exposição dos materiais atualmente utilizados na prática do trançado; Momento prático – dedicado ao ensino e à aplicação das técnicas de trançar.

É importante destacar que o momento das oficinas possibilitou o contato direto dos/as participantes com os conhecimentos históricos, teóricos e práticos relacionados a esse saber tradicional que é o ato de trançar, reforçando valores culturais e sociais. A análise de dados foi conduzida por meio da análise de conteúdo, focando na observação das interações durante as oficinas e na análise das falas das participantes.

REFERENCIAL TEÓRICO

A compreensão da cultura de trançar cabelos no Brasil exige uma análise que articule ancestralidade africana, processos históricos de colonização, identidade negra e práticas de resistência cultural. A diáspora africana, marcada pelo sequestro e deslocamento forçado de milhões de pessoas do continente africano, conformou-se como um processo de ruptura violenta, mas também de preservação simbólica e cultural. Como argumenta Santos (2013), os povos africanos escravizados trouxeram consigo práticas, saberes e tecnologias sociais que, mesmo diante das tentativas de apagamento colonial, foram transmitidas entre gerações, estruturando modos de vida, estética e valores culturais no território brasileiro.

Dentro desse conjunto de saberes, o trançado de cabelos ocupa lugar central. As tranças, enquanto prática estética e cultural, possuem uma longa trajetória que antecede a colonização europeia e remonta a civilizações africanas antigas. Para Santos e Cunha Júnior (2023), a arqueologia das tranças revela que, no Egito Antigo, os penteados eram



marcadores sociais, espirituais e identitários, expressando pertencimentos, hierarquias e vínculos comunitários. Logo, o trançado não pode ser reduzido a mero ornamento; trata-se de uma linguagem que comunica história, espiritualidade e pertencimento.

No contexto da diáspora, a prática de trançar permaneceu como estratégia de manutenção cultural e reconstrução identitária. Costa e Binja (2022) afirmam que as tranças funcionam como tecnologia ancestral de sobrevivência e cuidado, garantindo não apenas a preservação de tradições, mas também a reafirmação da humanidade negada aos corpos negros durante a escravidão. Na contemporaneidade, essa tradição se reinscreve como instrumento de memória e resistência, tornando-se símbolo de orgulho racial e de afirmação estética afro-brasileira.

Além disso, Santos (2013) destaca o aspecto educativo presente no ato de trançar, identificando nele uma dimensão etnomatemática que revela processos intelectuais, organizativos e criativos historicamente desenvolvidos por mulheres negras. Nesse sentido, o trançado é compreendido como saber complexo, que envolve técnica, sensibilidade, cálculo, estética e relações afetivas. A autora reforça que reconhecer as tranças como saber cultural é também valorizar a intelectualidade e a produção de conhecimento originária das populações afrodescendentes, historicamente marginalizadas pelos discursos eurocêntricos.

O debate sobre tranças, portanto, articula estética, identidade e resistência. Isaias (2021) argumenta que os penteados afro e seus significados encontram-se diretamente ligados à experiência subjetiva dos sujeitos negros, operando como dispositivo de afirmação e espelhamento positivo, sobretudo para mulheres negras, que historicamente ocuparam lugar social marcado por estigmas raciais e de gênero. Dessa forma, a estética capilar afro se torna prática política e pedagógica, capaz de fortalecer autoestima, identidade e consciência racial.

Assim, o ensino sobre a história das tranças no ambiente escolar constitui importante estratégia educativa e social. Ele dialoga com a Lei 10.639/2003, que estabelece a obrigatoriedade do ensino da cultura e história afro-brasileira e africana, e atende à necessidade de combate ao racismo e promoção da equidade racial. Ao reconhecer as tranças como expressão cultural ancestral, política e identitária, contribui-se para a valorização da população negra e para a formação de sujeitos críticos e conscientes de seu pertencimento histórico.

Portanto, o trançado de cabelos, enquanto saber ancestral e prática educativa, evidencia que a estética negra é território de memória, identidade e resistência. Estudar e



vivenciar essas práticas dentro das instituições de ensino não apenas fortalece a autoestima e a identidade de estudantes negros, como também promove diálogo intercultural, combate ao racismo e ressignifica espaços historicamente marcados pela invisibilização da cultura afro-brasileira.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A realização das duas oficinas de tranças, "A ARTE DE TRANÇAR: tradição, resistência e ressignificação", na Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e no Instituto Federal do Maranhão (IFMA) em Codó-MA, gerou resultados significativos que articulam a prática ancestral com o fortalecimento da identidade e autoestima da população negra.

O estudo concentrou-se em organizar, de forma cronológica, as relações e características atribuídas às tranças ao longo dos processos históricos, analisando seus significados no continente africano (antes da colonização), no Brasil (durante a escravização) e no período pós-escravização. Essa abordagem histórica, aliada aos momentos práticos da oficina, garantiu o contato direto dos participantes com os conhecimentos históricos, teóricos e práticos relacionados a esse saber tradicional, reforçando valores culturais e sociais.

A Figura 1 apresenta as idealizadoras da Oficina: Milena Queiroz, Ana Laysa e Evelen Kaísa, logo após a realização da primeira oficina, no Instituto Federal do Maranhão-IFMA Codó.

Figura 1: Realização da primeira oficina "A ARTE DE TRANÇAR: tradição, resistência e ressignificação", no Instituto Federal do Maranhão-IFMA Codó.



Fonte: Arquivo pessoal das pesquisadoras.



Os achados demonstram que o ato de trançar, enquanto prática estética e cultural, é uma linguagem que comunica história, espiritualidade e pertencimento. Para além do aspecto estético, as tranças se mostraram símbolos culturais, identificadores sociais e representações da ancestralidade.

O projeto, conduzido por mulheres negras, trancistas e universitárias, reafirmou a presença negra no espaço acadêmico, valorizando a estética afro-brasileira. Ao oferecer vivências, trocas e práticas educativas, a iniciativa contribuiu diretamente para o fortalecimento da identidade de jovens negros, estimulando a reflexão, a autoestima, o pertencimento e a conscientização.

Figura 2: Registro da segunda oficina, realizada na Universidade Federal do Maranhão - UFMA Codó.



Fonte: Arquivo pessoal das pesquisadoras.

A discussão da metodologia de ensino sobre a história das tranças no ambiente escolar mostrou ser uma estratégia educativa e social importante, pois dialoga com a Lei 10.639/2003, que estabelece a obrigatoriedade do ensino da cultura e história afro-brasileira e africana. Reconhecer as tranças como saber ancestral e prática educativa, contribui para a valorização da intelectualidade e da produção de conhecimento originária das populações afrodescendentes, historicamente marginalizadas pelos discursos eurocêntricos.

As oficinas alcançaram o número máximo de participantes esperados e contaram com a participação ativa do público, por meio de perguntas, curiosidades e complementações das informações. Diante disso, consideramos que iniciativas que promovem a difusão de conhecimentos sobre a cultura negra, dentro instituições de ensino, auxiliam transformação da forma de pensar e agir de jovens negros e mestiços, bem como na valorização de sua autoimagem. A garantia de acesso a informações de qualidade é o primeiro pilar de uma educação transformadora.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se, portanto, que a educação voltada para os saberes tradicionais afrodescendentes e/ou indígenas, quando inserida nas instituições de ensino, contribui positivamente para a construção do pensamento crítico e identitário de crianças e jovens negros e mestiços, bem como para o desenvolvimento da consciência social entre crianças e jovens brancos. É de extrema importância a existência de projetos que possibilitem o contato dos alunos com aspectos das culturas afrodescendente e indígena no ambiente escolar, pois esses momentos transformam a forma de compreender o mundo ao redor e fortalecem a autoestima e a autoconfiança dos jovens.

As realizações da Oficina de Tranças: “A Arte de Trançar: Tradição, Resistência e Ressignificação” não representaram apenas uma apresentação, mas também um processo de autoconhecimento. Todo o percurso, do planejamento até a execução, foi marcado pela sensação de um sonho realizado. Nenhum de nós tinha tido, até então, a oportunidade de se ver e de ver aspectos de seu cabelo representados de forma positiva dentro do ambiente escolar. Realizar a oficina de tranças foi mais do que um dever: foi uma honra.

REFERÊNCIAS

COSTA, Beatriz Adão Pascoal da; BINJA, Elias Justino Bartolomeu. **A Arte Africana na Diáspora: as tranças na manutenção da vida**. Relem – Revista Eletrônica Mutações, Manaus, v. 15, n. 24, p. 91-102, jan./jun. 2022.

ISAIAS, Gabriela. **Tranças Africanas e Recursos Imaginativos: o outro lado do espelho de Narciso**. In: XIII ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 2021, Brasília. Anais [...]. Brasília: [s.n.], 2021.

SANTOS, Marlene Pereira dos; CUNHA JUNIOR, Henrique. **Arqueologia das tranças e dos arranjos com cabelos trançados no Antigo Egito**. In: VIII ENCONTRO NACIONAL SOBRE O ENSINO DE SOCIOLOGIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA, 2023, Belém. Anais [...]. Belém: [s.n.], 2023.

SANTOS, Luane Bento dos. **Para além da estética: uma abordagem etnomatemática para a cultura de trançar cabelos nos grupos afro-brasileiros**. 2013. Dissertação (Mestrado em Relações Étnicorraciais) – Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET/RJ), Rio de Janeiro, 2013.

